

Universidade e Teologia*

JOÃO DUQUE

Quando, na alta Idade Média, surgiram as primeiras universidades, não sonhavam os seus criadores que algum dia se questionasse sequer o papel da Teologia no seu interior. Muito menos lhes terá passado pela cabeça que, volvidos alguns séculos, houvesse recantos europeus, como é o caso do nosso Portugal, em que muitos alunos universitários, e docentes até, não fizessem a mínima ideia do que é a Teologia ou que pudesse existir, no interior da Universidade, uma Faculdade de Teologia (sintomaticamente confundida, não raramente, com «tecnologia»). A antiga «rainha das ciências», que presidiu outrora à própria ideia de universidade, parece ter sido completamente condenada ao exílio. A república instaurada no meio universitário pretendeu, entretanto, ocupar-se com questões mais pragmáticas e utilitárias.

Mas essa transformação – cujas causas não podem aqui ser analisadas, nem sequer resumidamente – parece ter acarretado consigo uma dupla crise: a da universidade e a da Teologia. A primeira, a universidade, foi-se tornando, progressivamente, mera agência técnica de formação para o mundo do trabalho, seu determinante externo; a sua influência sobre a configuração da sociedade decaiu claramente, a ponto de os motores culturais se transferirem para outras instâncias, situando-se actualmente sobretudo nos meios de comunicação social. A segunda, a Teologia, chegou a discutir se seria legítimo e benéfico continuar em contexto universitário, ou limitar-se antes à transmissão técnica do saber eclesástico, para candidatos ao clero ou para outros agentes de pastoral.

* Conferência proferida pelo Autor na sessão solene de Entrega de Diplomas aos recém-formados pelo centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa.

Sente-se, no ar e sobretudo no rescaldo da precipitada aplicação do Tratado de Bolonha, que é necessário repensar a universidade, abrindo-lhe horizontes que a libertem deste círculo fechado pelo mecanismo da empregabilidade; horizontes que lhe permitam talvez poder retomar o papel de motor da sociedade. E sente-se – ou pressente-se – pelo menos, que o caminho dessa renovação poderá passar por certa refontalização, isto é, pela recuperação da sua ideia originária.

É minha intenção, nas breves reflexões que se seguem, propor alguns elementos fulcrais dessa renovação, embora sem especiais pretensões. Nesse sentido, tentarei mostrar em que medida a Teologia, seja numa faculdade própria seja sobretudo no interior de todas as faculdades, possa prestar um insubstituível serviço a essa renovação.

1. Universitas

Se é certo que o seu nome originário – *universitas* – se referia sobretudo ao universo constituído por docentes e por alunos, a palavra «universidade» esconde, contudo, um aspecto determinante da sua vocação inicial: precisamente uma vocação de universalidade. A ocupação central da universidade seria, desse modo, uma forma de saber que permitisse conhecer a realidade do modo mais universal possível. Essa universalidade exprimia-se extensivamente ou quantitativamente, na medida em que pretendia abarcar todas as formas do saber – mas exprimia-se também intensivamente ou qualitativamente, na medida em que pretendia uma abordagem tipicamente teórica do real, segundo o modo do universal e não segundo o modo do particular, do regional, do simplesmente útil. É que aquilo que determina o sentido último das pessoas e dos povos não são objectivos parciais, perdidos no emaranhado das suas relações particulares, mas sim um horizonte mais vasto, aplicável a toda a humanidade e ao próprio sentido universal da história. Assim e num primeiro momento, a universidade seria o lugar privilegiado, em que uma determinada sociedade estende os seus horizontes de sentido, as suas visões de futuro, ao máximo possível da sua universalização, enquadrando os acontecimentos particulares e as metas parciais nesse vasto horizonte de sentido.

No caso da universidade de que somos herdeiros, trata-se de uma criação europeia, no cerne de uma cultura influenciada pela perspectiva cristã da realidade. Assim, desde a sua origem que o horizonte de sentido mais vasto para a procura do saber em âmbito universitário foi o humanismo de raiz hebraico-cristã. Os saberes procurados e praticados deveriam colocar-se ao serviço da pessoa humana e da sua dignidade e não ao serviço de outros poderes, sejam eles naturais ou ideológicos. Assim, podemos dizer que o humanismo de inspiração

personalista, por isso de inspiração cristã, constitui o horizonte originário do sentido universal da universidade.

Essa perspectiva é que originou a humildade e o desprendimento típicos da procura da verdade. Porque ninguém é dono da verdade nem detentor absoluto do saber, os seres humanos podem simplesmente encontrar-se, partilhando o entusiasmo da busca dessa verdade. Nesse caminho, encontram-se em igual humildade e entusiasmo docentes e discentes – os membros da comunidade universitária. Os docentes são, simplesmente, irmãos mais velhos, eventualmente mais experientes na arte da procura e, por isso, com habilitação para orientar eficazmente os mais novos. Mas a finalidade global é a progressiva aproximação a uma verdade que a todos interpela por igual e que por todos deve ser procurada, sem nunca vir a ser totalmente possuída. Este espírito universitário é que poderá transformar a universidade em autêntico motor de toda a comunidade humana.

Onde a verdade é procurada humildemente, ninguém pode arrogar-se ser seu proprietário. Ninguém, pessoalmente, nem nenhuma corporação ou nenhum modo particular de saber. Essa humildade fundamental é então a condição de possibilidade para um autêntico diálogo de saberes. O específico de uma universidade – também enquanto *universitas* de saberes – é a estreita relação entre as diversas abordagens do real e não o orgulhoso alheamento mútuo, ou a arrogante afirmação de superioridade de uns sobre os outros.

Em que medida a universidade actual se distanciou deste ideal universitário, parece evidente em muitas das suas manifestações: a universidade está hoje sobretudo ocupada com saberes particulares, de ordem preponderantemente técnica e utilitarista, com horizontes de sentido limitados pela empregabilidade imediata ou pela rentabilidade interesseira; desse modo, subjuga a sua actividade a processos sistémicos exteriores, sobretudo de ordem económica, que predeterminam as metas a atingir, seja no ensino, seja na investigação, deixando assim para segundo plano o horizonte de sentido humanista e humanizante; a procura humilde e desinteressada da verdade, por parte de docentes e de discentes, foi progressivamente substituída pelo conflito de interesses entre todos: os discentes procuram algo que lhes seja simplesmente útil, em vez de se entusiasmarem com o saber; os docentes, muitas vezes, vêem-se obrigados a entrar nesse negócio, num mundo de concorrência implacável; e onde se instaura a concorrência dos saberes, na procura do lugar cimeiro que cada um pode ocupar, não há espaço mínimo para qualquer diálogo de saberes. Cada faculdade procura sobreviver, muitas vezes, à custa da supremacia sobre as outras. Na melhor das hipóteses, instaura-se tal alheamento e indiferença entre saberes, que não passa de um modo aparentemente pacífico de absolutização de cada área.

Como poderá, então, ser encarado, neste panorama, o contributo da Teologia para a renovação da universidade?

2. Theologia

A Teologia pretende, por definição, abordar todas as realidades do mundo, na perspectiva da sua relação com Deus. Ora, o elemento mais saliente de tal perspectiva é, precisamente, o da universalidade. Abordar toda a realidade na sua relação a Deus é abordá-la como Criação. Por isso, a perspectiva da ciência teológica é a mais abrangente de todas. Trata-se, em nomenclatura precisa, de uma perspectiva metafísica, semelhante à metafísica filosófica, mas que a própria filosofia colocou, nos últimos séculos, sob o fogo da suspeita. Assim, a Teologia será sempre, no contexto do debate e da permuta dos saberes, a permanente e premente exigência de universalização dos mesmos, em direcção ao mais vasto horizonte de sentido que possa unificar todos os humanos e estes com a Criação inteira.

Mas a Teologia de que falamos aqui não é uma Teologia geral. A tradição teológica da universidade europeia está intimamente ligada à Teologia cristã. O conhecimento de uma tradição implica o conhecimento da outra, assim como da osmose de ambas. E desse conhecimento resulta a compreensão de que o cerne do cristianismo é a Encarnação, isto é, a revelação de Deus como um Deus feito carne, ou seja, um Deus feito humano. Estendendo as suas raízes à tradição hebraica, esta perspectiva teológica fundamenta todo o humanismo autêntico: o humanismo que coloca como absoluto central da existência humana a própria pessoa concreta de cada ser humano. Assim, a presença da Teologia cristã é a presença constante do verdadeiro – e possivelmente único – fundamento da dignidade de cada pessoa humana, que nunca pode ser tomada como meio para fins diversos, sobretudo da parte de sistemas escravizantes, como são sobretudo muitos sistemas políticos, ideológicos e económicos. Onde a Teologia é levada a sério, o lugar desses sistemas é sempre um lugar segundo, ao serviço da primazia da pessoa – caso contrário, não possuem lugar algum.

Ora, como o fundamento de tudo, também da dignidade do humano, segundo a perspectiva teológica, não é o próprio ser humano – seja enquanto sujeito individual, seja enquanto organização social – nenhum humano particular nem nenhuma instituição finita podem pretender ser donos absolutos da verdade total. Em relação à verdade sobre tudo o que existe, sobre nós mesmos e sobre o nosso sentido, todos somos igualmente peregrinos e incessantes mendigos. Por isso, a atitude correcta de cada ser humano é a atitude do desinteressado e afinçado serviço da verdade. Quando alguns de nós ajudam outros nessa procura, estaremos simplesmente a prestar um serviço a algo que nos ultrapassa e não a exercer uma relação de poder sobre outros. Assim, a relação à verdade – que deve ser a alma da universidade – se vista em perspectiva teológica, não instaura relações de poder entre mestre e discípulo, mas relações de serviço entre humanos que partilham solidariamente a mesma condição de caminhantes.

Este espírito – e, em última instância, só este espírito – é que fundamenta duradoiramente a prática da interdisciplinaridade. Assim sendo, a Teologia, enquanto rainha das ciências, não se articula com os outros saberes segundo modalidades de poder. O seu serviço aos saberes consiste, precisamente, em tornar constantemente presente o limite de todo o saber e, por isso, impulsionar sempre a abertura de cada saber regional para outro saber, e de todos os saberes para a fonte inesgotável do próprio conhecimento e da sabedoria. A promoção do diálogo dos saberes será, assim, o fruto maduro da presença activa e empenhada da Teologia na universidade.

E a Teologia, por seu turno – porque é sempre uma leitura do real concreto, em determinada perspectiva – só terá a lucrar com o contacto dos mais diversificados saberes, desde os mais pragmáticos aos mais teóricos. Porque, à Teologia, nada do que é autenticamente humano deve ser alheio. Não podendo exercer esses saberes por si mesma, acolhe os frutos da busca de outros investigadores, para melhor esclarecer a sua perspectiva e para avaliar o melhor modo de orientar toda a realidade quotidiana para o seu verdadeiro sentido. Assim sendo, a presença da Teologia na universidade é tão vital para a universidade como para a Teologia.

Conclusões

Numa cerimónia de entrega de diplomas, como marco inicial de uma vida profissional em aberto, as expectativas de emprego são indiscutivelmente legítimas; a exigência de que a universidade corresponda a essas expectativas de modo eficaz e competente é igualmente legítima. Mas, no entusiasmo dos nossos êxitos particulares ou na desilusão dos nossos fracassos parciais, devemos ser capazes de questionar e perscrutar o sentido último disso tudo, para que tudo valha a pena e para que todos os humanos sejam com tudo isso verdadeiramente enriquecidos – e não simplesmente cada um de nós ou os nossos mais chegados. Aliás, se o horizonte de sentido do nosso saber e do nosso fazer não for suficientemente universal, nem para nós próprios será verdadeira fonte de riqueza, a não ser na passageira ilusão de um bem-estar egoísta, arrancado ao sacrifício de muitos outros.

Uma universidade que leve em conta a Teologia no leque dos seus saberes – seja como faculdade autónoma, seja como elemento permanente no interior de todas as faculdades – tem mais probabilidade de ser mais universidade, porque poderá ser mais universal, mais humanista, mais serva da verdade, mais dialogante e por isso mais originadora de espírito crítico, que busque o verdadeiro sentido da vida, por entre o emaranhado dos mais diversos afazeres quotidianos.

Por seu turno, uma Teologia que se realize em contexto universitário estará mais directamente em contacto com as preocupações humanas, com as dife-

rentes abordagens do real, o que lhe possibilita maior capacidade auto-crítica e maior eficácia na tarefa cristã de transformação do mundo. Se a universidade pretende ser o motor de uma cultura, a Teologia não pode alhear-se dessa tarefa, refugiando-se na formação de técnicos especializados, para consumo interno ou simplesmente eclesiástico. É claro que a formação de agentes de pastoral competentes é uma das suas grandes finalidades; mas não pode esquecer que tudo isso só ganha sentido, se colocado ao serviço da constante transformação do mundo segundo o Evangelho. E os lugares de intervenção nessa transformação são muito diversificados e eventualmente mais vastos do que os habituais espaços da pastoral eclesial.

A Universidade Católica Portuguesa, porque possui, no seu interior, uma Faculdade de Teologia e porque acolhe de modo mais ou menos claro, no seio de todos os seus cursos, alguns elementos teológicos, estará em melhores condições de contribuir para uma profunda renovação da universidade em crise. E isso confere-lhe capacidade, competência especial, mas também especial responsabilidade. Importa fazer valer esta mais-valia e não a esconder, envergonhadamente, debaixo do alqueire de qualquer falsa humildade. Só desse modo pode servir em profundidade a cultura de que é habitante e que tem por missão fertilizar. Só desse modo pode ser verdadeiramente universidade, católica e portuguesa.